



FEMME FATALE

SEDUTORA E IRRESISTÍVEL, **MARILYN MONROE** É TEMA DE EXPOSIÇÃO NO ANO DO CINQUENTENÁRIO DE SUA MORTE. CAROL PASCOAL

Marilyn Monroe em fotos de Cecil Beaton, feitas em 1956, que estão na exposição *Quero Ser Marilyn Monroe*, em cartaz em São Paulo.



1

MARILYN NÃO CAIU NO ESQUECIMENTO PORQUE SUA IMPORTÂNCIA VAI ALÉM DO MEIO CINEMATográfico.



2



3



4

1. Série *One Night with Marilyn*, de Douglas Kirkland. 2. Em cena do filme *Os Homens Preferem as Loiras*, foto anônima de 1956. 3. Marilyn em 1960 no set de *Os Desajustados*, foto de Ernst Haas. 4. *Black Bathing Suit # 2.*, foto de Frank Powolny de 1950. 5. Seu último ensaio fotográfico, feito por Bert Stern. 6. Marilyn no filme *O Pecado Mora ao Lado*, de Billy Wilder.



5



6

Mulher fatal ou sexo frágil? Há 50 anos morria Marilyn Monroe – além de um ícone do cinema, uma pessoa tomada por emoções. Passadas cinco décadas, a estrela hollywoodiana ainda inspira e domina o imaginário coletivo. A partir de 4 de março, a Cinemateca Brasileira, em São Paulo, recebe a exposição *Quero Ser Marilyn Monroe!*, que explora a personalidade polivalente da homenageada: da musa bem resolvida à garota insegura. Ali, estarão expostas 125 obras, escolhidas pelo curador Alexander Sairally. “Ela foi a personificação do glamour e do sex appeal, tornando-se um ídolo durante os anos 1950 e um mito após a morte”, exalta. “Ainda assim, ela não é compreendida por muitos.” Entre os mais de 30 artistas selecionados, encontram-se representantes contemporâneos, como Andy Warhol, e fotógrafos tarimbados, entre eles Henri Cartier-Bresson. Em paralelo, uma mostra exhibe os principais filmes da atriz.

Nascida em 1º de junho de 1926, Norma Jean teve um infância instável. Filha de mãe solteira (diagnosticada com esquizofrenia), cresceu em um orfanato e depois se mudou para a casa de amigos da família. Quando deu início à carreira artística, adotou o nome Marilyn Monroe e assim conseguiu esconder boa parte do passado, inclusive a doença da mãe. A criança, a princípio rejeitada, se tornou uma das mulheres mais desejadas do planeta. No cinema, tinha boa atuação, mas não era uma unanimidade entre os críticos. Marilyn não caiu no esquecimento porque sua importância vai além do meio cinematográfico. Após fazer um anúncio de cerveja, em 1949, uma empresa de calendários propôs que ela posasse nua. Ingênua, aceitou por um valor muito baixo. Dias após o convite, lá estava ela,

enroscada em um veludo vermelho fazendo caras e bocas para o fotógrafo Tom Kelley. Até então, já havia assinado contratos com a 20th Century Fox e a Columbia Pictures, mas não tinha feito nenhum papel relevante como atriz. Em 1953, quando Hugh Hefner, o fundador da *Playboy*, lançou a primeira edição da revista nos Estados Unidos, ele comprou a foto de Marilyn nua – que estará na Cinemateca – e a estampou na capa. Pela primeira vez, suas curvas voluptuosas foram evidenciadas. Um novo padrão de mulher era estabelecido e ela passou a ser vista como uma deusa do sexo. Isso em um período em que havia repressão política, social e sexual. Ao declarar que usava duas gotas de Chanel N° 5 para dormir, nada mais, reforçou a imagem provocante e provou que a publicidade espontânea é a mais eficaz.

Marilyn balanceava o forte apelo sexual com um look romântico, que acentuava a sua feminilidade. Nas telas, ela aparecia com vestidos arrasadores, de decotes caprichados, e no dia a dia também mantinha-se impecável. Para acentuar as curvas, usava vestidos e saias que marcavam a cintura. Desejada pelos homens e copiada pelas mulheres, o estilo da atriz ainda serve de inspiração nas passarelas (e fora delas). A cantora Amy Winehouse, por exemplo, era adepta do estilo ladylike, cheio de referências dos anos 1950 e 60. E, na moda, essa não foi a única herança deixada pela diva. Ela ainda foi uma das precursoras dos biquínis de duas peças. Mesmo a calcinha sendo grande – na altura do umbigo –, era um atrevimento para a época.

Nos relacionamentos amorosos, Marilyn Monroe também se mostrou uma mulher à frente de seu tempo. Os dois primeiros casamentos, um com um



jovem da Marinha e outro com o jogador de beisebol Joe DiMaggio, não deram certo por ela ter a carreira como prioridade. Eles idealizavam uma esposa caseira, que encontrasse o prazer nos afazeres domésticos. Definitivamente, esse não era o sonho da atriz. O terceiro marido foi o dramaturgo Arthur Miller, de quem engravidou duas vezes, mas sofreu dois abortos – isso contribuiu para agravar seu quadro depressivo. O casamento se desgastou quando ela atuou em *Os Desajustados* (1961), que tinha o roteiro assinado por ele. Muitos outros nomes aparecem na lista de romances de Marilyn. Além de Frank Sinatra, há o tumulto que envolve a família Kennedy. O rumoroso romance com o então presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, ficou evidente em 19 de maio de 1962, quando ela compareceu ao aniversário dele, em Nova York. Em uma atuação memorável, ela conseguiu o impossível: transformar o *Parabéns a Você* em uma canção sexy.

Se a sensualidade fluía de forma natural em Marilyn Monroe, a atuação não era algo tão simples assim. Desde o início da carreira, ela fez aulas para melhorar o desempenho, pois não queria que a sua beleza se sobressaísse a seu talento. Essa também era uma maneira de ganhar o respeito dos colegas de profissão, que se irritavam com seus recorrentes atrasos e as incontáveis repetições de cena. O ano de 1953 foi primordial para Marilyn firmar sua carreira em Hollywood. Nesse período, ela estrelou *Os Homens Preferem as Loiras*, de Howard Hawks, em que eternizou o lema “Os diamantes são os melhores amigos de uma mulher”. Em seguida, descobriu a vocação pa-

ra comédia em *Como Agarrar um Milionário*, de Jean Negulesco. A imagem de símbolo sexual número um do mundo voltou a ganhar força quando Marilyn gravou a cena mais conhecida de sua trajetória. No filme *O Pecado Mora ao Lado* (1955), de Billy Wilder, ela aparece posicionada na grade de ventilação de um metrô tentando segurar (em vão) a saia esvoaçante do vestido que usava. Um clássico do cinema.

Para fugir dos papéis de loira burra que costumavam cair no seu colo, ela criou a própria produtora. Um de seus melhores trabalhos foi uma parceria entre a Marilyn Monroe Productions e a 20th Century Fox: *Nunca Fui Santa* (1956), de Joshua Logan. Ela ainda teve seu talento reconhecido em *Quanto Mais Quente, Melhor* (1959), de Billy Wilder, que lhe rendeu o Globo de Ouro de melhor atriz.

Ao se tornar Marilyn Monroe, Norma Jeane conquistou o reconhecimento que jamais teve na infância, mas nunca encontrou o equilíbrio entre a vida pessoal e a profissional. A relação com os Kennedy, o estresse para se manter bela, o vício em álcool e tranquilizantes e a busca pela perfeição culminaram em sua morte precoce. Aos 36 anos, ela foi encontrada morta ao lado de remédios. Talvez Marilyn não tenha sido a melhor atriz nem a mulher mais bela do mundo, mas sua sensualidade tinha o poder de envolver as pessoas de maneira mágica. Desde então, se tornou a principal estrela da história do cinema e uma musa inspiradora que transcendeu gerações. *Quero Ser Marilyn Monroe!*, de 4 de março a 1º de abril na Cinemateca, tel. (11) 3512 6111, www.marilynmonroe.com.br. ■



1. Montagem de Peter Beard, *Dead Elephant Book Diary*, de 1971. 2. A diva na famosa pop art de Andy Warhol. 3. Marilyn no set de *Os Desajustados*, em 1960, fotografada por Henri Cartier-Bresson. 4. Litografia *Peek-a-Boo*, de Mel Ramos, de 2002. 5. Marilyn em casa, fotografada por Alfred Eisenstaedt em 1953. 6. Marilyn segurando o perfume Chanel Nº 5 em 1955, em foto de Ed Feingersh.

ASUA SENSUALIDADE TINHA O PODER DE ENVOLVER AS PESSOAS DE MANEIRA MÁGICA.